
O que dizem os silêncios na pesquisa acadêmica? A produção de conhecimento no e do telejornalismo sob o viés das questões de gênero¹

Bárbara Garrido de Paiva Schlaucher²
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

A partir de uma pesquisa documental, o presente artigo tem como proposta apresentar um breve diagnóstico acerca das principais tendências observadas nas pesquisas acadêmicas sobre o telejornalismo no Brasil sob uma perspectiva de gênero. Partimos do lugar ocupado pela prática e produções jornalísticas audiovisuais em nossa sociedade no contexto de convergência midiática, passando pelos “obstáculos epistemológicos” implicados nas investigações sobre televisão e telejornalismo. Por fim, refletimos sobre a produção de conhecimento social por meio deste produto televisual e discutimos os saberes construídos acerca dele a partir dos trabalhos apresentados no GP Telejornalismo da Intercom nos últimos 10 anos sob o viés das questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo, gênero, conhecimento, epistemologia, pesquisa.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a televisão pode ser experimentada em múltiplas telas, em múltiplos espaços e em diferentes momentos, até mesmo em um continuum temporal, aspectos da comunicação ubíqua (SANTAELLA, 2010). A TV não acabou, pelo contrário, o meio se transforma, se adapta, está vivo e é profundamente transformado pela tecnologia, pelo mercado e pela cultura (CASTELLS, 2009). No âmbito desse artigo, consideramos a televisão uma tecnologia cultural, cuja importância está, principalmente, em nossa experiência de seus usos (WILLIAMS, 2017).

Nesse sentido, permanece pertinente e atual a perspectiva de Raymond Williams sobre a televisão enquanto experiência cultural, ainda que novas plataformas passem a ser incorporadas ao consumo televisivo e que a audiência, em parte, não mais se submeta, necessariamente, às rotinas de fruição da grande massa, já que também conta com informação em arquivo e sob demanda.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), jornalista diplomada pela mesma instituição e integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UFJF. barbara.garrido@estudante.ufjf.br

Em seus estudos sobre a televisão, Williams (2017) chama atenção para uma complexa interação entre o veículo e seus produtos e as formas obtidas de outros meios e atividades sociais e culturais, enfatizando a combinação e o desenvolvimento de formas anteriores, mas também o potencial da TV para formas novas e mistas e para mudanças.

Hoje, a convergência de meios, tal como elucida Henry Jenkins (2009), afetaria não só a forma com que os conteúdos são produzidos e experimentados pela sociedade, mas também os próprios indivíduos e suas identidades.

No estudo que propomos, nos interessamos, em particular, pelo jornalismo para telas, tendo em vista o lugar da televisão e da internet como importantes fontes de informação, cultura e distração. Sendo assim, como a pesquisa sobre o telejornalismo busca superar a “experiência primeira” (BACHELARD, 1996) em um cenário de transformação cultural que age sobre nossas percepções de tempo e espaço e altera as formas de relacionamento entre pessoas e meios de comunicação? Temos como objetivo diagnosticar o estado da arte dos estudos sobre o telejornalismo no atual contexto de convergência midiática, em especial, aqueles que buscam dar conta das possíveis transformações na produção jornalística audiovisual sob uma perspectiva de gênero.

Nos limites desse trabalho, propomos uma reflexão acerca da televisão e do telejornalismo enquanto objetos de pesquisa, atentos à percepção de que este último, por meio do relato dos acontecimentos segundo uma epistemologia própria (EKSTRÖM, 2002), se estabelece como forma de conhecimento para a população brasileira. Para tanto, lançaremos mão de uma revisão bibliográfica e recorreremos a uma pesquisa documental para o levantamento dos trabalhos apresentados nos últimos dez anos no Grupo de Pesquisa (GP) Telejornalismo dos congressos da Intercom com foco no recorte temático elucidado anteriormente.

Em uma sociedade em que pelo menos um terço das mulheres já sofreu violência de gênero e em que “a esfera pública é a esfera masculina” (BEARD apud SOLNIT, 2017, n.p.), investigar a pesquisa em comunicação a partir do lugar ocupado pela mulher no jornalismo para telas significa contribuir para o rompimento do silêncio que priva essa parcela da população de participar, narrar, interpretar e determinar suas próprias histórias (SOLNIT, 2017), mesmo em um cenário de crescente popularização de acesso a tecnologias de produção, edição e distribuição de conteúdo. Para Donna J. Haraway (2009), “A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade” (p.

36). Acreditamos que a pesquisa científica tem potencial para construir e vocalizar tais apreensões, para além de promover reverberações nas práticas cotidianas, incluindo a profissional.

TV: UM OBSTÁCULO EPISTEMOLÓGICO?

Em uma sociedade em que 77% de sua população afirma assistir à televisão diariamente e cerca de 63% têm na TV o principal meio de informação³, refletir cientificamente a seu respeito é uma tarefa necessária, porém desafiadora, já que o meio ocupa lugar central em nossas experiências cotidianas e teria potencial normatizador e socializador. Mesmo não sendo o único agente a atuar no processo de construção social da realidade e na formação de nossas identidades, as representações sociais colocadas pelos produtos televisivos, entre eles o telejornalismo, agem na negociação de nossas percepções sobre nós mesmos e nosso entorno, interferindo na construção de nossos mapas mentais.

O filósofo e psicólogo William James, no clássico livro intitulado *The Principles of Psychology* [Princípios da Psicologia], publicado em 1890, faz uma distinção entre dois tipos de conhecimento: o “conhecimento de familiaridade” (*knowledge of acquaintance*) e o “conhecimento-sobre” (*knowledge-about*). Segundo o autor, o “conhecimento de familiaridade” estaria baseado na experiência, um saber superficial e adquirido de modo subjetivo - sabemos qual é o gosto de uma fruta ao prová-la, por exemplo. Este tipo de saber não poderia ser transmitido/reportado para outrem. Para se aproximar dele, o outro teria que vivenciá-lo em condições similares, ainda assim, sem garantias⁴. Esta forma de conhecimento ignora a natureza dos fatos e o porquê de serem o que são e como são (p.109).

Já o “conhecimento-sobre” seria resultado de processos que nos levam a perceber, analisar e pensar sobre o objeto, um saber que não está limitado a nós mesmos, mas que pode ser relacionado, submetido a determinados tratamentos e tensionado reflexivamente.

As palavras sentimento e pensamento dão voz a essa antítese. Por meio dos sentimentos, tornamo-nos familiarizados com as coisas, mas somente através de

³ Dados disponíveis em <http://pesquisademidia.gov.br/>. A pesquisa, que contou com 15050 entrevistados, aponta que somadas primeira e segunda menções, a opção pela televisão atinge 89% e pela web 49%.

⁴ Na obra original, o autor usa o verbo “*impart*”, que em tradução livre, significa comunicar informação a alguém: “*I cannot impart acquaintance with them to any one who has not already made it himself.*” (JAMES, 1890, p. 109).

ossos pensamentos sabemos sobre elas. Sentimentos são o germe e o ponto inicial da cognição, pensamentos são a árvore desenvolvida (JAMES, 1890. p. 110, tradução nossa).

A partir desta distinção, podemos estabelecer um diálogo com a noção de Gaston Bachelard (1996) de “obstáculos epistemológicos”, entendidos como “causas de inércia” ou “conflitos” do espírito científico (p.17). Ao voltar-se para o próprio ato de conhecer, Bachelard aponta a “realidade” como um obstáculo primeiro para o desenvolvimento de percepções críticas e científicas, perspectiva com a qual concordamos.

Ao refletirem sobre a construção social da Realidade, Peter Berger e Thomas Luckmann (2007) evidenciam que, por mais que pareça evidente e independente da vontade dos homens, a objetividade do mundo e sua ordem social são construídas também a partir das ações/ interpretações dos indivíduos. Os produtos exteriorizados da atividade humana, incluindo visões, crenças e valores, adquirem materialidade e se naturalizam, sendo compartilhados socialmente como reais – quando, na verdade, são construções simbólicas. Tal perspectiva corrobora a visão de Bachelard da “realidade” enquanto obstáculo:

Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado (BACHELARD, 1996, p. 18).

Nesse sentido, o senso comum ou o “conhecimento de familiaridade” também se impõe como um obstáculo na formação do espírito científico. Bachelard é categórico ao afirmar que ciência e opinião são opostos: “a opinião *pensa* mal, não *pensa*: *traduz* necessidades em conhecimentos” (p. 18, grifo do autor). Sob essa perspectiva, o autor destaca que o saber que resulta da experiência e da observação primeira, aquele que, muitas vezes, designa o objeto por sua utilidade, nos impede de enxergá-lo cientificamente. Logo, é preciso superar a experiência primeira, destruir a opinião, a fim de se construir um conhecimento crítico.

Para nos auxiliar na missão de compreender a televisão, François Jost (1996) relaciona as contribuições de Gaston Bachelard com o caso deste meio de comunicação. Muitas vezes, nossas observações, (pre)conceitos e (pre)julgamentos são baseados em nossa experiência intensa e cotidiana com o veículo. Estes, por sua vez, seriam internalizados de modo que seu caráter subjetivo se apaga, dando lugar a representações

naturalizadas (e dadas como certas) acerca do meio - um conhecimento que não é questionado ou reflexivo, pois vem de nossa familiaridade com a TV.

[...] cada indivíduo já passou um número incalculável de horas frente à tela e acumulou, ao final desse tempo, opiniões ou crenças sobre o funcionamento dessa mídia. [...] A primazia da experiência televisual, enraizada na observação, está de tal forma ancorada nas pessoas que, às vezes, fica difícil imaginar que a televisão seja um campo promissor de estudos (JOST, 1996, p.25-26).

Para o autor, o fato de interagirmos tão intensamente com a televisão não basta para que possamos compreender e produzir conhecimento científico a seu respeito, sendo “necessário pesquisar, além do sensível, modelos de inteligibilidade” (JOST, 1996, p. 26).

A visão construída até aqui pode ser estendida para o telejornal, um dos produtos televisivos mais consumidos pelos brasileiros, ainda que em diferentes telas. Para além de sua presença no cotidiano da nação, o produto, ele próprio, pode ser considerado uma forma de conhecimento legitimada pelo público (EKSTRÖM, 2002), o que corrobora a necessidade de ser analisado criticamente por meio de pesquisas científicas. A seguir, voltamos nosso olhar para estudos que abordam a construção de saberes no âmbito da prática (tele)jornalística.

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NO E DO (TELE)JORNALISMO

O jornalista e sociólogo Robert Park parte da distinção entre as duas formas de conhecimento propostas por William James para refletir sobre as notícias enquanto uma forma específica do saber. O autor ressalta que, entre a familiaridade e o conhecimento formal, pontos extremos em um *continuum* e, ao mesmo tempo, relativos, todas as demais espécies de conhecimento podem ser localizadas (PARK, 2008).

Para Park, a produção jornalística seria uma forma específica de conhecimento do “mundo real” e as notícias ocupariam um lugar próprio no espectro do saber, sendo uma forma intermediária. Enquanto a ciência tem como base os eventos – que são únicos, fixos no tempo e no espaço – e a história busca demonstrar as conexões entre os diferentes acontecimentos, ao jornalismo interessa, primordialmente, o momento presente (PARK, 2008).

A notícia, como forma de conhecimento, primariamente não está interessada no passado ou no futuro, mas no presente – o que tem sido descrito pelos psicólogos de “o presente precioso”. Pode-se dizer que a notícia existe somente no presente. O significado do “presente precioso” é sugerido aqui pelo fato de que a notícia, como é sabido no meio da imprensa comercial, é um produto muito perecível. A

notícia continua notícia até chegar às pessoas para as quais ela possui “interesse de notícia”. Uma vez publicada e reconhecida sua importância, o que era notícia vira história. Essa qualidade transitória e efêmera é a verdadeira essência da notícia e está intimamente conectada ao tipo a que pertence. [...] Um evento deixa de ser notícia tão logo a tensão provocada acabe e a atenção do público seja direcionada para um outro aspecto do habitat ou outro incidente novo e emocionante ou importante para prender sua atenção (PARK. 2008, p. 59).

A “tensão” provocada pela notícia, sua atuação enquanto uma forma de conhecimento que gera a conversação, desperta o interesse do público e produz uma imagem do cotidiano compartilhada coletivamente, reforçam o lugar do jornalismo como uma instituição social capaz de orientar os indivíduos a respeito do que está acontecendo. Seu saber está próximo do momento presente, seu caráter é mais negociável e menos normativo, fomenta a discussão e o debate acerca não só dos fatos que noticia, mas das questões nele implicadas. Logo, sua interferência vai além do âmbito individual e contribui para a construção coletiva de um repertório social.

Alfredo Vizeu e João Carlos Correia (2008) também discutem o jornalismo enquanto forma de conhecimento, porém com um olhar direcionado às produções telejornalísticas, objeto de pesquisa dos estudos que integram nosso levantamento. Para os autores, é necessário refletir sobre os noticiários de TV e sua natureza na busca pela construção de uma epistemologia do telejornalismo – aspecto que será retomado mais adiante. Segundo Vizeu e Correia, os telejornais, ou, ainda, o conhecimento produzido por eles, teria quatro funções: a exotérica, a pedagógica, a de familiarização e a de segurança.

A função exotérica corresponde a um compromisso com o público, uma espécie de preocupação de jornalistas de tornar discursos, temas e expressões restritos a um saber especializado acessíveis aos telespectadores. Por sua vez, a função pedagógica resulta da busca pelo ordenamento do discurso. Em outras palavras, seria a busca por uma abordagem e apresentação mais didáticas dos fatos, na tentativa de ordenar, assim, o mundo. Seria como se o repórter atuasse de modo a orientar o público na solução de problemas da vida cotidiana. Por fim, a função de familiarização teria como objetivo tornar temas que não são do cotidiano da audiência mais próximos dos telespectadores e a função de segurança estaria relacionada ao papel do telejornal para uma compreensão intuitiva da realidade, o que reduziria a necessidade de constante vigilância do indivíduo (VIZEU; CORREIA, 2008).

A partir dessas constatações, corroboramos o entendimento do telejornalismo como um lugar de referência para o seu público, conceito proposto por Alfredo Vizeu. Ao falar dos acontecimentos que nos cercam, mas também do mundo que escapa aos nossos olhos, o telejornal nos permite ver o que está distante por meio de rotinas, estratégias e procedimentos. Para o autor, os produtos telejornalísticos representariam um “lugar” para os brasileiros, como a família, os amigos, a escola, a religião e o consumo, (VIZEU; CORREIA, 2008). Ressaltamos que este conhecimento seria socialmente produzido a fim de reduzir a complexidade do mundo contemporâneo, tornado a realidade cotidiana mais organizada e compreensível.

Todavia, apesar da significativa capacidade de penetração do (tele)jornalismo em nossa sociedade, o sociólogo e professor de Mídia e Comunicação Mats Ekström (2002) destaca que esta atividade social não recebe muita atenção da sociologia do conhecimento, espaço em que instituições científicas obtêm a maior parte do foco.

Ekström reforça que, embora epistemologias sejam desenvolvidas e aplicadas a todas as práticas sociais que produzem e comunicam conhecimento, ainda que de diferentes formas, o termo, em investigações filosóficas, diz respeito a teorias da natureza do conhecimento e das principais bases da verdade na ciência. Nesse sentido, o que o autor propõe é um estudo sociológico de práticas produtoras de conhecimento em que “epistemologia” se refere

a regras, rotinas e procedimentos institucionalizados que operam dentro de um cenário social e decidem a forma de conhecimento produzido e as requisições de saber expressadas (ou implicadas). Também se refere a questão de como essas reivindicações são justificadas, tanto dentro das organizações quanto diante do público e de outras instituições sociais (EKSTRÖM, 2002, p. 260, grifos do autor, tradução nossa).

No quadro teórico construído por Mats Ekström, as epistemologias em foco advêm da combinação entre jornalismo e TV. De acordo com o autor, uma epistemologia do telejornalismo incorporaria três aspectos distintos: a) a caracterização do tipo de conhecimento produzido, oferecido via telejornais; b) o desvelamento das noções ou estratégias que fundamentam essas práticas de produção de conhecimento e c) o processo de aceitação e reconhecimento do público.

Acrescentamos, em consonância com as reflexões de Iluska Coutinho (2018), a necessidade de observarmos o jornalismo audiovisual em diferentes suportes e percursos, desde a emissão até as recirculações midiáticas:

Olhar para o telejornalismo e as mudanças em curso na sua experiência, em diferentes e múltiplas telas, é assim poder ver à distância, antiga promessa do aparato que tornou possível a visão do que se encontra longe, a televisão (COUTINHO, 2018, p.2)

Ao defender um jornalismo predileto e inclusivo, Coutinho aborda as transformações no telejornalismo a partir das demandas da sociedade de que a prática e o conhecimento social ali produzido sejam mais inclusivos, plurais e femininos (2018, p. 3). No presente trabalho, as compreensões acerca deste saber e os esforços para uma epistemologia do telejornalismo - entendidas aqui sob a perspectiva de Ekström (2002) e ancoradas no referencial teórico mobilizado – que abarque uma perspectiva de gênero, começa pelo diagnóstico inicial do conhecimento produzido sobre o jornalismo audiovisual, que apresentamos a seguir.

A CONSTRUÇÃO DO SABER ACADÊMICO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO: O SILÊNCIO DO FEMININO NAS PESQUISAS EM TELEJORNALISMO

A constituição do GP Telejornalismo, no ano de 2009, significou a consolidação da produção de saberes acadêmicos acerca da prática e do produto social no Brasil. Foi no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Curitiba, no Paraná, entre os dias 4 e 7 de setembro, que ocorreram as primeiras sessões do grupo que “agregou pesquisadores doutores e em formação, e permitiu o estabelecimento de uma esfera de debates sobre o tema, que contribuiria para o aumento crescente do número de trabalhos sobre jornalismo televisivo” (COUTINHO, 2016, p. 3).

Em pesquisa documental realizada em 2016, Iluska Coutinho chama atenção para dois levantamentos anteriores como ponto de partida e justificativa para a reflexão proposta pela pesquisadora. Segundo Coutinho, o mapeamento realizado em 2011 pela própria autora e o diagnóstico apresentado por Edna Mello em 2014 tinham como recorte o GP Telejornalismo e “apontaram aspectos relativos aos temas privilegiados pelos autores, objetos de estudo empírico mais recorrentes e sinalizaram a existência de uma fragilidade na descrição e discussão metodológicas” (COUTINHO, 2016, p. 3).

Foi justamente a ausência de relatos das questões metodológicas nos trabalhos apresentados que motivou Coutinho a realizar novo mapeamento em 2016, dessa vez, com foco na identificação de métodos e técnicas de pesquisa utilizados para coleta, tratamento e análise de dados. O estudo, que buscou dar suporte e justificar a construção

de uma metodologia própria para a pesquisa em telejornalismo e conteúdos audiovisuais – a análise da materialidade audiovisual – teve como corpus um total de 224 artigos científicos coletados nos anais de sete congressos da Intercom, entre os anos de 2009 e 2015. Se entre 1999 e 2009 foram 124 trabalhos publicados, 255 entre 2009 e 2013 e 224 entre 2009 e 2015, concordamos com a autora quando esta aponta que a constituição do GP Telejornalismo potencializou a pesquisa na área (COUTINHO, 2011; COUTINHO 2016).

Outro levantamento que corrobora a busca por consolidação da construção de saberes acadêmicos sobre o telejornalismo foi apresentado em 2017 por Iluska Coutinho e Ariane Pereira. Com o intuito de discutir a construção do telejornalismo como campo de reflexões e a consolidação de pesquisas e teorias em jornalismo, as autoras estabeleceram como corpus todos os trabalhos que apresentaram os termos “telejornalismo” e/ou “telejornal” no título e/ou entre as palavras-chave, abarcando as oito Divisões Temáticas⁵ (DTs) dos congressos realizados entre 2009 e 2016. Ao todo, o GP Telejornalismo aprovou 260 artigos e as demais DTs contaram com 47 trabalhos que atendiam aos critérios elucidados acima. Sendo assim,

Quase ao final de sua primeira década de existência o GP Telejornalismo revelou-se um locus privilegiado para observar o grau de estabilidade e consolidação do jornalismo audiovisual como um campo de conhecimento, também científico (COUTINHO; PEREIRA, 2018, p. 14).

Recuperamos estas pesquisas documentais, dentre outras realizadas desde a formação do GP Telejornalismo, a fim de compormos um cenário, um pano de fundo, a fim de ganharmos certa perspectiva em relação aos dados que apresentaremos a seguir. Todavia, consideramos pertinente observar que estes trabalhos também evidenciam a busca pela legitimação do conhecimento científico produzido sobre o telejornalismo.

Lançando mão do conceito de “campo” proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1997), trata-se não apenas de um esforço científico para a consolidação do “campo” do (tele)jornalismo, mas também para uma demarcação político-acadêmica e institucional, que é atravessada por relações de poder.

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse

⁵As Divisões Temáticas são Jornalismo; Publicidade e Propaganda; Relações Públicas e Comunicação Institucional; Comunicação Audiovisual; Comunicação Multimídia; Interfaces Comunicacionais; Comunicação, Espaço, Cidadania; e Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (Bourdieu, 1997, p. 57).

Tal visão é compartilhada por Coutinho e Pereira (2018). Para as autoras, essa disputa por legitimação também seria reflexo do preconceito em relação à televisão - e, conseqüentemente, ao telejornalismo - que frequentemente é associada à superficialidade, ao medíocre e a uma visão pejorativa do popular. Um objeto que não seria “digno” de reflexão e, conseqüentemente perderia em prestígio acadêmico. Em diálogo com os autores citados anteriormente, a opinião sobre e a familiaridade com o telejornal seriam obstáculos para o telejornalismo enquanto campo científico (BACHELARD, 1996; JAMES, 1890; JOST, 1996; BOURDIEU, 1997).

A pesquisa documental proposta no âmbito deste artigo estabeleceu como corpus os trabalhos apresentados no GP Telejornalismo entre 2011 e 2020, totalizando 323 publicações. Como nosso olhar se volta para os estudos que se propõem a refletir sobre as possíveis transformações no/do telejornalismo no contexto de convergência de mídias, em especial, aqueles que adotam uma perspectiva de gênero, selecionamos, para esse levantamento, os artigos que apresentavam o feminino como temática. Para isso, avaliamos os títulos, resumos, palavras-chave e referências bibliográficas em busca de termos associados ao campo semântico em questão.

No universo dos 323 trabalhos acadêmicos da última década do GP Telejornalismo, apenas 12 artigos (3,7%) relacionavam o telejornalismo a questões de gênero. Vale ressaltar que o tema esteve ausente das discussões do grupo de pesquisa em três congressos (2011, 2013 e 2017) e contou com apenas um trabalho por quatro encontros (2014, 2015, 2016 e 2019).

Os números ganham ainda mais relevância quando observamos a desproporcionalidade entre o total de artigos do nosso recorte (12) e a quantidade de autoras supostamente auto identificadas como mulheres que participaram das sessões do GP nos últimos 10 anos⁶. Considerando a autoria e contabilizando todas as aparições de uma mesma pessoa, os 323 trabalhos tiveram 411 autores. Destes, 281 assinaturas eram femininas (68,37%) e 130 (31,63%) masculinas. A predominância de mulheres pesquisadoras no campo científico do telejornalismo é significativa, embora pesquisas

⁶ Tal análise foi feita com base nos nomes discriminados na autoria dos trabalhos apresentados e apontados como masculinos ou femininos a partir dos padrões sociais estabelecidos e impostos pela sociedade patriarcal na qual estamos inseridos. Além disso, verificamos a biografia presente na nota de rodapé.

que adotem uma perspectiva de gênero ainda não tenham expressão no GP. Destacamos ainda o fato de que 100% dos 12 artigos recortados foram construídos por mulheres, sendo que dois deles com um homem cada como coautor.

Logo, a abordagem de questões de gênero no âmbito do GP Telejornalismo dá indícios de ocupar uma posição de confronto, ainda tímida. Boaventura de Souza Santos (2019), ao defender a necessidade de transformar e reinterpretar o mundo - que vive sob a lógica da crise permanente – propõe as epistemologias do Sul, que seriam confrontacionais.

A resistência ocorre cada vez mais fora do contexto institucional e não através dos modos de mobilização política que predominavam no período anterior: partidos políticos e movimentos sociais. A política dominante torna-se epistemológica quando é capaz de defender ativamente que o único conhecimento válido que existe é aquele que ratifica a sua própria supremacia. Num tal *Zeitgeist*, ou espírito da época, parece-me que havia para sair desse impasse tem como premissa o surgimento de uma nova epistemologia, que é explicitamente política. Isso significa que a reinvenção ou a construção da política confrontacional exige uma transformação epistemológica (SANTOS, 2019, p.7).

O Sul, que para o autor é epistemológico, e não geográfico, abarcaria grupos sociais sistematicamente oprimidos na sociedade regida pela lógica capitalista, colonial e patriarcal; grupos cujos saberes seriam construídos a partir de posições confrontacionais, por meio de lutas e resistências sociais e políticas. Santos acredita no “conhecimento gerado e vivido em práticas sociais concretas” (p. 18), valorizando o conhecimento crítico que surge da experiência dos grupos marginalizados. Trata-se de um conhecimento que somente pode ser construído por aqueles que vivenciam opressões e injustiças, que têm acessos à cidadania e a direitos negados ou relativizados – um lugar que somente pode ser ocupado, no caso deste artigo, por mulheres, conforme evidenciado no mapeamento.

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções (RIBEIRO, 2019, p. 63).

No que diz respeito às investigações e reflexões propostas nos 12 artigos de nosso recorte, podemos dividi-los em quatro eixos temáticos: análise de cobertura; lugar/papel/espço/representação da mulher no telejornalismo; o papel do telejornalismo no combate à violência contra a mulher; e a mulher como recorte.

Dois artigos enquadram-se no último eixo temático elucidado e trazem o feminino como mero recorte, já que não discutem questões de gênero. Enquanto o primeiro apresenta um caso de violência para investigar os processos de construção da memória social, o outro traz uma entrevista com uma vítima de abuso sexual para refletir sobre esta técnica autônoma. A ausência de referencial teórico voltado para a discussão de questões de gênero corrobora nossa análise.

Vale ressaltar que os artigos supracitados cumprem suas promessas e propostas de investigação. Além disso, embora a violência contra a mulher seja pano de fundo, o relato destes casos no ambiente acadêmico-científico, por si só, deve ser valorizado em função de seu potencial para gerar debates, reflexões e mudanças. Conforme aponta Solnit (2017), a libertação tem início com o rompimento dos silêncios e este rompimento acontece quando contamos nossas histórias:

A violência contra as mulheres muitas vezes se dá contra as nossas vozes e as nossas histórias pessoais. É uma recusa das nossas vozes e do que significam uma voz: o direito de autodeterminação, de participação, de concordância ou divergência, de interpretar e narrar (SOLNIT, 2017, n.p.)

Observamos ainda a ocorrência de três (3) artigos voltados para o papel do telejornalismo no combate à violência de gênero. Neste eixo temático, o jornalismo para telas seria ferramenta para promover (re)conhecimento, debates, políticas públicas e leituras críticas dos produtos telejornalísticos. Sendo assim, as pesquisas evidenciariam o potencial do jornalismo audiovisual para se tornar “lugar de referência” também para as pautas que mobilizam a mulher enquanto parte de um grupo socialmente minoritário.

Quanto aos trabalhos que propõem uma análise de cobertura telejornalística, 1) um avalia a cobertura da violência de gênero sob o viés de classe e região; 2) outro analisa a cobertura da PEC do aborto a partir de representações estereotipadas da mulher; 3) e o último busca compreender se há perspectiva de gênero na cobertura de dois casos de feminicídio. Estes três (3) trabalhos jogam luz sobre as várias possibilidades de se ser mulher ao desvelarem as intersecções de raça, geográficas, econômicas etc. nas coberturas jornalísticas audiovisuais.

Por fim, o último eixo temático discute as representações de gênero no telejornalismo, bem como o espaço/lugar ocupado pelas mulheres e seus papéis na prática telejornalística e nas narrativas e sociedade. Enquanto dois artigos investigam a representação da mulher e o lugar/espaço da mulher jornalista, respectivamente, a partir de episódios de violência, outros dois têm propostas semelhantes, mas partem das

representações relacionadas ao Dia Internacional da Mulher e da relevância das pautas apuradas pelas jornalistas mulheres. Os quatro (4) trabalhos corroboram para a vocalização de discussões relacionadas à igualdade e equidade entre gêneros, motor das pautas feministas.

De um modo geral, observamos que os 12 estudos publicados entre 2011 e 2020 correspondem a tensionamentos pontuais, ainda que duas autoras – uma delas com quatro publicações entre 2018 e 2020 e a outra com duas no ano de 2018 – tenham apresentado estudos que estabelecem diálogos entre si, indícios de uma pesquisa continuada, com potencial para o aprofundamento do problema proposto e a construção de um “conhecimento-sobre”.

Coutinho e Pereira (2018) relacionam essa ausência de continuidade ao campo profissional do jornalismo, onde parte considerável dos pesquisadores atuou ou ainda atua:

O fascínio pelo novo, a busca pelo furo que são marcas do campo profissional, ainda que objeto de críticas no espaço acadêmico, parecem também ser motivadoras dos pesquisadores do telejornalismo. Assim, ao invés do investimento em desenvolver e testar um conceito formulado anteriormente os trabalhos apresentados no grupo de telejornalismo, ou mesmo dele deslocados embora tenham como tema também o jornalismo audiovisual, buscam em geral um espaço de destaque em uma nova edição, ainda que nesse caso de evento científico (COUTINHO; PEREIRA, 2018; p. 14).

Outra observação pertinente das autoras e que, ainda que em tese, poderia estar relacionada à baixa incidência de estudos que investigam o telejornalismo a partir de uma perspectiva de gênero, diz respeito à visão tecnicista que muitos pesquisadores teriam do GP Telejornalismo (COUTINHO; PEREIRA, 2018). De acordo com uma revisão de literatura mobilizada por Luis Mauro Sá Martino (2013), na perspectiva midiacêntrica, a comunicação seria vista a partir da centralidade operacional dos meios eletrônicos e digitais e os estudos teriam como foco os meios ou as relações entre eles e os indivíduos. Todavia, “o processo de comunicação não se encerra nos meios eletrônico-digitais” (p. 10), de modo que tal perspectiva acerca do GP Telejornalismo poderia afastar pesquisadores que não estruturam suas pesquisas a partir da mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos a centralidade da televisão e do telejornalismo como atores sociais na sociedade brasileira. Mesmo passando por transformações em suas

formas de produção e experimentação, o jornalismo para telas continua sendo um dos lugares aos quais os indivíduos recorrem em busca de identificação, reconhecimento e orientação – um lugar que, atualmente e, quase sempre, carregamos na palma de nossas mãos para todos os lados.

Também levantamos os obstáculos que, muitas vezes, se impõem na pesquisa sobre a TV e o telejornalismo, tamanha a familiaridade e penetração do meio em nosso cotidiano, e refletimos sobre a produção de conhecimento no e do telejornalismo sob o viés da busca por uma epistemologia própria.

Finalmente, partimos para os diagnósticos de uma breve pesquisa documental, que buscou, entre os artigos publicados no GP Telejornalismo dos congressos da Intercom realizados nos últimos 10 anos, as publicações científicas sobre a produção jornalística audiovisual a partir de uma perspectiva de gênero no atual contexto de convergência midiática.

No universo de 323 artigos acadêmicos perscrutados, 92 trabalhos (28,4%) traziam reflexões sobre transformações, mudanças e inovações na prática telejornalística e suas formas de consumo, (re)circulação e apropriação no contexto de convergência midiática e acelerado desenvolvimento tecnológico. Um cenário que, em tese, promoveria o acesso mais democrático aos meios de comunicação, a possibilidade de produções mais plurais e inclusivas e uma maior capacidade de reivindicação, sugestão e negociação de pautas no (tele)jornalismo por meio da ampliação dos canais de troca entre (tele)jornais e seu público. Todavia, apenas um artigo, dos 12 que abordam questões de gênero, tinha como princípio motor este cenário.

Tal constatação suscita uma série de questionamentos, que não pretendemos esgotar e nem responder no âmbito deste estudo, mas que apontam caminhos a serem seguidos na busca por uma pesquisa atenta às demandas de inclusão. Sendo assim, nos perguntamos: as novas tecnologias e a popularização de múltiplas telas e ferramentas significam também deslocamentos nas produções de sentido no telejornalismo? Há de fato maior pluralidade e visibilidade nas redes para diferentes grupos sociais? Com quem eles estão falando? Este cenário tem reverberações no fazer telejornalístico de referência? De que modo? Existem práticas atravessadas pela perspectiva de gênero no jornalismo para as telas? O campo acadêmico vocaliza essas práticas e/ou promove investigações sob perspectivas mais inclusivas do ponto de vista das questões de gênero?

No GP Telejornalismo, observamos que o silêncio em relação a estes dois últimos questionamentos ainda predomina ao mesmo tempo em que fala alto sobre a urgência e oportunidade de construirmos um conhecimento que dê voz às demandas de inclusão e libertação de mulheres e que pode significar, na prática, a redução dos silenciamentos.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- COUTINHO, Iluska; PEREIRA, Ariane. A construção do telejornalismo como campo de reflexões: dos fazeres à busca pela consolidação de pesquisas e teorias em Jornalismo. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2017. **Anais...** Disponível em: [Anais :: Intercom :: Congresso Intercom \(portalintercom.org.br\)](#) Acesso em: 12 jul. 2021.
- COUTINHO, Iluska. A produção social do telejornalismo: um olhar sobre os estudos acerca da oferta de conhecimento nos noticiários de TV. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011. **Anais...** Disponível em: [INTERCOM Nacional - CDRom](#) Acesso em: 12 jul. 2021.
- _____. Com telas e afeto: para fazer um telejornal predileto e inclusivo. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, 2018. **Anais...** Disponível em: [Anais :: Intercom :: Intercom Nacional \(portalintercom.org.br\)](#) Acesso em: 12 jul. 2021.
- _____. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: a análise da materialidade audiovisual como método possível. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, São Paulo, 2016. **Anais...** Disponível em: [Anais :: Intercom :: Congresso Intercom \(portalintercom.org.br\)](#) Acesso em: 12 jul. 2021.
- EKSTRÖM, Mats. **Epistemologies of TV journalism**: a theoretical framework. London, Thousands Oaks, CA and New Delhi: Sage Publications, 2002.
- HARAWAY, Donna J. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do Ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- JAMES, William. **The Principles of Psychology**. Disponível em: [The Principles of Psychology \(public-library.uk\)](#) Acesso em: 25 jul. 2021.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JOST, François. Compreender a televisão. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. A disciplinarização da Epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação. In: **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, n. 29, p. 1-17, dez. 2013. Disponível em: [A disciplinarização da epistemologia no ensino da\(s\) teoria\(s\) da comunicação | Martino | Intexto \(ufrgs.br\)](#) Acesso em: 03 jul. 2021.
- PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008. 2 v. p. 51-70.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. São Paulo: Editora Schwarcz S.A. 2017. *E-book*.
- VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (org.). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11-28.
- WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.